

Navarro por completo¹

Por Gustavo Sobral²

Navarro está por toda a cidade. É o pintor do álbum de futebol que alguém guardou, é o homem que vivia na Redinha junto aos pescadores. É um pôr do sol sobre o rio Potengi, é os marinheiros no cais, é a crônica nos arquivos da Tribuna do Norte, é aquele que era reconhecido em todos os bares. Personagem da cidade, Navarro é mito. Nascido em Natal/RN, em 1928, filho do classificador de algodão, Elpídio Soares Bilro, e de dona Celina, Celina Navarro Bilro, professora primária, começou a desenhar ainda menino. Estudou nos colégios tradicionais da cidade: foi aluno do Colégio Marista, tímido, metido nas coisas dele, segundo o primo e colega de turma Jurandyr Navarro; passou pelos bancos no secundário do tradicional Atheneu Norte-Rio-Grandense, destinando-se, como os demais, para a Faculdade de Direito no Recife/PE, mas terminou mesmo foi na escola de desenho de Lula Cardoso Aires, vivendo a efervescência cultural do Recife no final dos anos 1940.

Navarro se encontrou e voltou para Natal vestido de pintor com cachecol no pescoço. E daí para frente transformou a cidade. A primeira exposição de artes plásticas foi um estouro, no point da cidade, o Grande Ponto, no bairro de Cidade Alta, onde o comércio acontecia e a sociedade e os intelectuais se encontravam. O poeta Luís Carlos Guimarães avistou-o pela primeira vez cometendo as suas excentricidades e lá estava Navarro tomando cerveja num sapato. Era ele, Newton Navarro, quem na Sorveteria Cruzeiro, naquele ano de 1949, faria a primeira exposição de arte moderna em Natal. O jornalista Woden Madruga era um menino naquele tempo, aquilo foi um estouro, desenhos que tinham até mulher nua, era um acontecimento para a época. Houve quem confundisse com o cartaz de um circo que aportava na cidade. Festejado na primeira exposição, Navarro viera para escrever seu nome no cenário cultural da cidade.

De lá para cá Navarro nunca parou. A cada década foi aprimorando cada vez mais o seu estilo e o seu traço. Filiado à geração de artistas brasileiros entre as bandeiras do

¹2015, Ensaio. Navarro por completo. In: Revista ANL, Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Norte. Nº43, abri/junho 2015, p.39-53

²Gustavo Sobral é jornalista e escritor. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

figurativismo e do abstracionismo, Navarro vai rabiscar nos seus primeiros desenhos e telas a assinatura Di Navarro, engajando-se no movimento moderno que imperava no Brasil pelas mãos e pincéis de Di Cavalcanti, Portinari e, lá na Europa, em Paris, pelo pernambucano Cícero Dias, amigo de Picasso. É em Recife que Navarro toma, além das primeiras lições formais de desenho e pintura, o contato com a arte moderna que vinha da Semana de 1922 e das primeiras exposições em terra brasileira de Anita Malfatti e Lasar Segall. Era arte moderna o que Navarro queria fazer, e o caminho foi o mesmo: explorar a brasilidade. A brasilidade que estava em Natal, na paisagem da cidade que ele foi encontrar no rio Potengi, na praia da Redinha, nas ruas e becos, na vida noturna e boemia; e no sertão onde o pai trabalhava como classificador de algodão e ele viveu a infância nas férias.

Navarro nasce então um artista atento à produção cultural do seu tempo, e os motivos passam das suas telas, para os poemas, para as suas crônicas nos jornais diários. Freqüentador de todas as rodas, – as intelectuais, a dos jornalistas e dos boêmios, a dos pescadores e a dos marinheiros – Navarro estará em todos os lugares da cidade recolhendo traços e a vida de cada dia que, no encantamento do seu lirismo, verterá em obras de arte, seja nos desenhos, seja na escrita. Navarro procurará de forma original, – ao se filiar a uma proposta brasileira de explorar o Brasil, na linha de Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti, também ao escrever as suas crônicas e contos (Navarro foi poeta, cronista e contista) – acompanhar a literatura expressa na poesia e nas crônicas de Vinicius de Moraes, nos romances de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, entre outros, seus contemporâneos. No teatro, além de realizar montagens com o grupo de teatro amadores, da peça de Sartre, O muro, e de Ariano Suassuna, Cantam as harpas de Sião, foi autor de suas próprias peças, cenógrafo, figurinista, diretor e ator. O teatro efervescente dos anos 1950 e 1960 teve seu espelho no Rio Grande do Norte por obra também de Newton Navarro Bilro.

Navarro participou de tudo. Quando surgiram as escolinhas de arte, que se fundaram em todo o Brasil, Navarro trouxe o modelo para Natal e instalou a Candido Portinari em 1961. Foi quando conheceu Salete, professora de artes, com quem se casaria. Ao mesmo tempo que dispersava todo o seu poder criativo, Navarro também sorveu a vida como um torvelinho, era freqüentador de todos os bares da cidade, onde reunia amigos. A vida boemia foi vivida nos seus extremos, Navarro se considerava um existencialista e entendia que o poder de criação pertencia à entrega à vida e que o clima de poesia e

boemia eram fruto do poder de inspiração. Navarro considerava a atitude boemia imprescindível à arte e gastou a vida como ninguém, e produziu como nunca. Os contos inéditos revelam que muito antes da publicação do primeiro livro em 1961, o livro de contos *O solitário vento do verão*, Navarro já escrevia. O que pode levar a crer que ele começou a sua carreira de pintor e desenhista ao mesmo tempo que começou os primeiros passos na literatura.

É a partir da obra literária que Navarro começa a sair do silêncio. Em 1998, a Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (FIERN) lança Navarro obra completa, reunindo em dois volumes toda a publicação literária de Newton Navarro até então. Constam na edição todos os títulos: *Subúrbio do silêncio* (1953), *ABC do cantador Clarimundo* (1955), *O solitário vento do verão* (1961), *30 crônicas não selecionadas* (1969), *Os mortos são estrangeiros* (1970), *Beira-rio* (1970), *Do outro lado do rio, entre os morros* (1975), *De como se perdeu o gajeiro Curió* (1978) – com exceção da sua obra teatral, ainda inédita. Navarro então volta à cena literária, toda a sua obra publicada se encontrava esgotada. O *Sebo Vermelho*, edições de Abimael Silva, também trata de trazer para circulação em fac-símiles, em 2010, *Do outro lado do rio, entre os morros*; e em 2011, *Beira-rio* e *ABC do cantador Clarimundo*.

A obra de Navarro passa novamente a circular. No entanto, ainda carece de estudos que se debrucem sobre os aspectos literários, linguísticos, sociais, históricos e biográficos (da cidade do autor e do autor). Na sequência, a editoria da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Edufrn), em edição organizada por Helton Rubiano e Gustavo Sobral, republica *O solitário vento do verão*, que integra uma coleção com trabalhos inéditos para a bibliografia navarreana.

O solitário vento do verão ganha um posfácio, uma tentativa de apresentar o autor para os novos leitores e de situar a obra no contexto em que foi escrita e publicada; concomitantemente, organizado por Angela Almeida, Gustavo Sobral e Helton Rubiano, é publicado um volume com depoimentos (fruto de entrevistas) com amigos de Newton Navarro, *Saudade de Newton Navarro*, uma tentativa de recuperação da vida e obra do artista pela memória dos que conviveram com Navarro e dos que se debruçaram sobre a sua vida e a sua obra em que se revelam facetas pouco conhecidas de Newton Navarro, como a sua atuação no teatro. Na mesma coleção, Paulo de Tarso Correia de Melo e

Gustavo Sobral lançam (inéditos em livro) uma coletânea com poemas não publicados e crônicas veiculadas em jornal por Navarro e colecionadas por Paulo de Tarso. No mesmo ano, para se somar à profusão de novos trabalhos de e sobre Navarro, a jornalista Sheyla Azevedo propõe um ensaio biográfico: Navarro, um anjo feito sereno.

A obra de Navarro volta completamente à cena literária do Rio Grande do Norte, movimentando lançamentos dos livros e eventos que evocam a sua produção literária. Durante a Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura (CIENTEC) 2013, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o estande da Editora Universitária foi todo voltado à sua obra; e a primeira leitura poética de trechos dos livros publicados é realizada na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da qual Navarro foi imortal. As últimas duas décadas foram, em se tratando do contexto editorial do Rio Grande do Norte, de republicações e publicações. Navarro paira como unanimidade pela qualidade literária do seu trabalho.

Os temas e a forma explorados por Navarro sobrevivem e a leitura da sua obra permite inseri-lo na literatura moderna potiguar. Sua obra plástica também é destaque. No raro contexto de publicação de catálogos e, sobretudo, de uma obra dispersa, a pesquisa, reunião e organização pela artista e pesquisadora Angela Almeida, catalogando a obra plástica de Navarro é de extrema importância. Além de dispersa nos acervos particulares e ameaçada de extinção pelas condições materiais em que fora produzida, é pela primeira vez, possível de ser vista em conjunto, compondo um legado documental e um registro necessário para perenidade de Newton Navarro.

A toda esta coleção Navarro, – que a editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte imprime o seu mérito de registro, promulgação e divulgação – parte integrante do acervo patrimonial literário do Rio Grande do Norte, a oportuna publicação destes contos inéditos, O boi Careta e a morte do cavalo baio, vem não só acrescentar mais uma bibliografia, mas também, propor um novo olhar sobre a obra literária de Newton Navarro. O livro consta de sete contos escritos entre 1949 e 1966, ou seja, compreendem o período anterior à publicação dos seus dois primeiros livros em versos, o livro de poemas Subúrbio do silêncio (1953) e ABC do cantador Clarimundo (1955) e os livros de contos O solitário vento do verão (1961), e antecede o seu último livro de contos Os mortos são estrangeiros (1970).

O livro *O boi Careta e a morte do cavalo baio* traz sete contos e segue a mesma estrutura dos anteriores. Paulo de Tarso Correia de Melo fez a escolha do título. Outra característica comum aos livros anteriores, todos eles trabalham a mesma temática: solidão, incerteza, violência, angústia, são alguns temas, e se desenvolvem no mesmo estilo literário, são textos curtos em que predominam as imagens visuais. Navarro foi um criador de paisagens na literatura. A presença das cores é marcante, a descrição dos detalhes nas cenas literárias também enriquecem o quadro. O primeiro conto, “O boi careta”, é de 1949, mesmo ano da sua badalada exposição, o que leva a crer que o escritor nasceu junto ao desenhista. Se, pode considerar pela data o primeiro conto escrito, Navarro nele já se revela um escritor preparado, com domínio sobre as técnicas de escrita, certo da sua escolha temática e do seu estilo. A estrutura do conto é muito semelhante à dos contos que estão no primeiro livro, o ambiente predominante é o sertão. Navarro explora em “O boi Careta”, a visualidade, trabalha a oposição entre a secura da terra e a chuva que se anuncia, o clarão do dia e o escuro da noite. A cor é uma presença marcante: a terra vermelha, o azulão do céu, o voo preto dos urubus, o escampado cinzento; e os sons: o barulho do chocalho, o urro do boi, o chiado das cascavéis. O discurso indireto livre é outra marca, as personagens, sejam os homens, ou os animais, expressam seus dilemas, incertezas, angústias, medos, solidões.

O cavalo baio de Navarro se encontra com o Burrinho pedrês de Guimarães Rosa. Ambos, o cavalo e o burrinho vivem a velhice, estão à espera da morte, já decadentes, no fim da vida. “Agora, porém, estava idoso, muito idoso. Tanto, que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo à distância: no algodão bruto do pelo – sementinhas escuras em rama rala e encardida; nos olhos remelentos, cor de bismuto, com pálpebras rosadas, quase sempre oclusas, em constante semissono; e na linha, fatigada e respeitável – uma horizontal perfeita, do começo da testa à raiz da cauda em pêndulo amplo, para cá, para lá, tangendo as moscas”. Era este o burrinho de Rosa, que bem vive o mesmo fim, do cavalo de Navarro: “Da vida, somente, na solidão do ermo ensolarado, o cavalo baio. Um geral de tristeza. No pelo ralo e velho o sinal de um tempo amargo de viver. Tinha os olhos fundos na cacimba das olheiras que as moscas inquietavam. A cauda esfiapada abanando, como se com esse gesto irrequieto ajudasse a soprar do vento vagabundo. As orelhas já não se alteavam mais, caídas que estavam para esconder as oíças dos rumores da pouca vida que o cercava. Era um cavalo dos mais abandonados. Com uma corda de solidão infinita”.

A mesma correspondência está nas cachorras Tainha e Aparecida de Navarro e a cachorra Baleia de Graciliano Ramos. As cachorras representam a brutalidade do homem, que é muito mais bicho que o animal. Baleia: “A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente”. Tainha, de Navarro: “Silvino atira o pé e chuta o animal magoado. Agora Tainha late alto. Como num choro, quase sem grito. Cai se contorcendo e cisca a areia mole do morro. O brilho alegre dos seus olhos esmaece. As costelas parecem mais expostas sob o couro cinzento. Silvino mantém a mesma indiferença, tira uma baforada forte, bochecha a fumaça e solta num longo espiral de fumo...”.

Graciliano Ramos é uma influência duradoura nesta fase que começa em 1949 com o conto “O boi careta” e termina em 1970 com a publicação do livro *Os mortos são estrangeiros*. A obra contista de Navarro, neste período, apresenta uma unidade que transpassa divisibilidade nestes três livros. O primeiro, *O solitário vento do verão*, termina na cidade fictícia de Rosário, que aparece em quase todos os contos, e na mesma cidade começa o livro seguinte, *Os mortos são estrangeiros*. Navarro agrupa a sua obra em conto numa continuidade retomada em cada livro.

Se os contos foram separados para cada livro deve-se ter como uma questão de publicação; a obra em conto de Navarro é uma só e deve ser lida em seu conjunto. Uma pista é a republicação, por Navarro, entende-se proposital, de um conto de um livro no outro, firmando ainda mais a continuidade. Outros pontos coadunam para construir esta unidade. Os animais são personagens recorrentes e principais: boi Milonga, boi Careta, galo amarelo, cavalo baio, e as cachorras Tainha e Aparecida. E quando não marcam a narrativa numa perspectiva simbólica, os patos, no conto “Os patos”, que trata da repressão. Também há contos a partir de objetos: “A arma”, “Pão de milho” e “A cadeira”.

Temas que também permeiam o livro de poemas *Subúrbio do silêncio: o morto e a morte*, a composição em que se destaca o cenário, poesia que Navarro exercita em trânsito com a sua ficção. Também o mar e os animais estão presentes (sapo, aranha, abelha) motivos que continuam a aparecer nos poemas esparsos. Navarro não interromperá com este livro a sua atividade poética, que coexistirá com as suas crônicas, os seus contos e os seus desenhos. Canto ao poeta Renato Caldos é de 1966, o poema *As roupas* é de 1950 e *Canção antiga* de 1952 e *Os presentes* (1987); e o livro *ABC do cantador Clarimundo* é de 1955.

O conto de Navarro desta fase explora uma só linha temática, um estilo e uma forma. O tema é, predominantemente, a vida no sertão, a forma é o conto curto, em torno de uma personagem central e do drama vivido. O estilo é conciso, a exemplo do romancista Graciliano Ramos, no entanto, diferente do mestre por um aspecto: Navarro é um grande construtor de paisagens. Navarro não fez uma mera reprodução literária ou apropriou-se da forma deste escritor ambientando-a à cor local. Há inspiração sem prejuízo para originalidade. Nestes aspectos se filia à vanguarda da literatura de sua época, desenvolvendo um estilo próprio tanto na primeira fase, que compreende os três livros de contos *O solitário vento do verão*, *Os mortos são estrangeiros* e *O boi Careta e a morte do cavalo baio*; quanto na segunda, em que se juntam os livros *Beira-rio*, *Do outro lado do rio*, entre os mortos e *A morte do gajeiro Curió*.

Navarro trouxe para a sua literatura a sua capacidade de observação do desenhista e pintor. O pano de fundo, o quadro, e muitas vezes a história do conto, é o próprio ambiente criado por ele com a presença da cor e as mudanças sutis que tornam os contos da primeira fase peças de extrema beleza e apuro descritivo. A literatura é a expressão em que reuniu toda a sua multiplicidade artística, o escritor está impregnado pelo artista plástico e pelo teatrólogo. Navarro tinha 21 anos em 1949, neste período a ficção regionalista de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego imperava. Navarro também procura estabelecer contato com escritores brasileiros; fragmentos de correspondência nas orelhas dos dois volumes de Navarro obra completa, sinalizam, de alguma forma, que os romancistas Jorge Amado e Érico Veríssimo e o poeta Carlos Drummond leram os seus contos.

Jorge Amado: “Caro Newton, você é um porreta. Bom no desenho, bom na literatura. ‘Pão de milho’ é um conto muito bonito, assim como ‘Os mortos são estrangeiros’, duro e denso. Em realidade, gostei de todo o livro. ‘Os cavalos’, por exemplo, com o menino Pedro a olhar as ancas dos animais. Parabéns.” Érico Veríssimo: “Newton Navarro: Eu quisera ter mais tempo para lhe dizer do quanto gostei de seu Os mortos são estrangeiros, a começar pelo título. Santo Deus! Esse Nordeste brasileiro é um viveiro de escritores. Creio que é dessa zona que nos tem vindo os melhores narradores. Sua prosa, meu caro Newton, é de uma precisão, duma concisão que me lembra a do Graciliano. Seca e despojada como a paisagem nordestina. Mas rica e bela não apesar mais por causa disso... Parabéns!”. Carlos Drummond de Andrade: “Prezado Newton Navarro: Seus contos foram para mim uma surpresa boa. A começar pelo caso do boi Milonga, com traços paisagísticos que iluminam a narrativa (‘o grupo esguio das carnaúbas que espana o claro do tempo’) e a notação rápida, dizendo mais que a circunstanciada informação da morte do animal (‘o rastro da cobra na areia frouxa’). Vi imagens de cinema em suas histórias. A bela gravura sensual de ‘Os cavalos’ deixa marca na lembrança. Você soube ligar terra, bichos e gente em trama sensível de palavras. Pena que o livro seja tão breve: fica-se desejando mais”.

Navarro fará uma opção por este caminho literário. O sertão é a porta de entrada e o caminho em que traçará a sua literatura pelos próximos vinte anos (1949-1970). No entanto, na contramão de Rachel de Queiroz de O Quinze e de Graciliano em Vidas secas, Navarro construirá a sua literatura não como imitação de estilo, mas com períodos literários em que não só importam as ações e os fatos para a composição de uma narrativa. O conto é um gênero predominantemente narrativo, e ganha em Navarro a construção de um cenário e a composição de cenas cinematográficas. Navarro é capaz de descrever as cenas em planos. A paisagem também tem movimento, que Navarro alcança sem perder a força da expressão e sem perder a concisão. O conto “O boi careta” se passa entre a mudança do tempo, o dia está claro e o céu anuncia nuvens, uma chuva virá? E a passagem do dia para a noite. O vocabulário é outro destaque na sua obra. Navarro, além de pecar pelo preciosismo, empregando os termos próprios do universo do sertão, também se vale da oralidade, há ocorrências de “tou”, para “estou”, “pras”, para “para as”, entre outras, alcançando a verossimilhança.

Os contos de Navarro têm este movimento independente da ação das personagens. O conflito em cena é, senão, solitário, na presença apenas do homem e do animal, ou de apenas um deles e do pensamento, como a história do boi Careta. Chico sai à procura do boi perdido, desgarrado do rebanho naquela seca, e vai aflito, temendo a tragédia que se anunciará; só há Chico, o espaço e os seus pensamentos. Navarro filia-se ao realismo em voga, com Graciliano aprende a extrair a dor, a violência, o conflito, a resignação. Chico está conformado quando encontra o animal morto. Como Graciliano, Navarro faz do seu personagem, também um narrador.

E assim será em todos os contos que se inscrevem nas obras desta nomeada primeira fase. Navarro encontrou um campo propício na cidade para a literatura. Entre 1944 e 1961, diversos lançamentos apresentaram uma nova geração de escritores e poetas que farão a literatura do Rio Grande do Norte nas décadas seguintes: Zila Mamede, Sanderson Negreiros, Berilo Wanderley, Celso da Silveira, Myriam Coeli, Luís Carlos Guimarães, Défilo Gurgel, Augusto Severo Neto, Oswaldo Lamartine de Faria. Acompanha também, no caso de Navarro, a instauração definitiva da arte moderna em Natal. Navarro é um caso raro, e talvez único, de um artista que produziu com originalidade, continuidade e qualidade notável tanto desenho e pintura quanto literatura. Numa terra de poetas – ele mesmo publicando um livro de poemas – e de cronistas, ele mesmo um cronista diário, Navarro fará uma opção acertada na literatura pelo conto. Um gênero pouco explorado e sem notoriedade na literatura do Rio Grande do Norte até então.

Newton Navarro praticará a crônica nos jornais à Rubem Braga e à Vinicius de Moraes, com o tema do cotidiano, a vida na cidade. Não bastasse, firmar-se-á um agitador cultural da cidade aliado ao clima propício do governo municipal nas mãos de Djalma Maranhão, que institui as Praças da Cultura, inclusive construindo uma galeria de arte (depois demolida) na praça André de Albuquerque, na Cidade Alta; e no governo estadual, que publicará uma coleção de ensaios e poesia promovendo também o I Festival do Escritor Norte-Rio-Grandense. Navarro também criará as condições propícias para que a cultura, arte e literatura movimentassem a cidade. Navarro promoverá exposições coletivas, incentivará o trabalho dos artistas, escreverá crônicas para os jornais, apresentará peças e escreverá peças, publicará livros de poesia e contos, participará de um concurso literário, fará desenhos de capa para os livros dos amigos, balançará a vida cultural da cidade, e

também será parte integrante da primeira antologia de contistas do Rio Grande do Norte (1966) .

O livro de contos *Os mortos são estrangeiros* (1970) encerra a primeira fase da sua literatura. Uma segunda fase totalmente lírica, que se considera de difícil categorização em gênero, se crônica, se conto, se ensaio biográfico, se guia da cidade, se memória, em que se funde a poesia, o conto e a crônica. Todo o exercício literário anterior prepara esta fusão que redundará em dois livros: *Beira-rio* e *Do outro lado do rio*, entre os morros que se completam. Mais uma vez, são trabalhos independentes que se constituem como partes de um livro só. Apenas o rio os separa. Misto de biografia da cidade, história da praia do cais, do rio e da praia da Redinha, as personagens são ele mesmo, Navarro, e os seus temas, o mar, o rio, os pescadores e os boêmios, a vida na beira do rio, seja no cais, ou na outra margem (o cenário e o ambiente dos dois livros), é a própria literatura despojada das amarras. Navarro deixa o sertão e segue a caminho do mar.

Navarro já é dono do próprio traço literário compondo uma narrativa híbrida e sem igual na literatura do Rio Grande do Norte. Ninguém nunca fará um *Beira-rio*. Navarro abandona os mortos, os conflitos, a dor, o sofrimento, a angústia e o sertão da primeira fase e vem a abraçar a vida da cidade. São os tipos pitorescos de quem encontra na leitura de Jorge Amado uma chave para composição de um quase romance. A literatura de Navarro passa a ser ele. Os capítulos despojam-se de títulos. O livro é um contínuo. Uma única história, a da própria vida. Navarro está impregnado da vida e compõe uma ode à Redinha: “Da pedra mais afoita do cais, pedra limosa e escura, o sujeito procura descobrir, ao certo, de onde chega a noite anoitecida. Se dos altos cumes da cidade, se da linha do mangue, com a bocarra úmida de suas gamboas; se das encostas verdes do Refoles ou quem sabe, das bandas do Forte dos Reis Magos, onde a barra entre pontos de luz, é saída e entrada para os longes do mundo?”, e literalmente se consagra um escritor da cidade.

A cidade é a sua vida e dela extrai os seus motivos, seja a paisagem do rio, as ruas, o cais, a praia, o mar, o folclore, os amigos e o bar, a literatura de Navarro passa a ser o registro de bordo da cidade e da sua vida, para finalmente assumir a sua condição de mito e pairar na lenda como personagem da cidade: “estas anotações, à maneira de um logbook, poderiam começar na Confeitaria de Olívio Domingues – ‘mestre’ Olívio –, continuar seus cursos até à casa do compadre Zé Arruda (caldo de feijão verde, panelada, buchada,

manjuba frita, que o ‘tio’ Vitor traz da Barra), alcançar o meio da Avenida, no balcão hospitaleiro de Araújo, onde Silvio Caldas deu entrevista, bebeu e cantou e onde o Poeta Sanderson distribuiu amostras grátis de Poesia; e por fim o nosso BEIRA-RIO, porto de ir e voltar, hospedaria, acolhida, chegada dos ‘guerreiros’...”.

Beira-rio é um espaço literário. Se Rosário, a cidade fictícia em que se desenlaçam a maioria dos contos ambientados no sertão, é a recriação do sertão de Angicos, terra da sua infância, Beira-rio é o Potengi e o cais. Aqui a literatura de Navarro se revelará em toda a sua experimentação, conquistada a partir do primeiro conto. Aparecida é um emblema, um elemento dessa fusão dos seus textos que torna a sua literatura uma continuidade, um quase romance composto por contos que compartilham de um mesmo universo. “Aparecida” se repete tanto em O boi Careta e a morte do cavalo baio quanto em Beira-rio. Comparar os dois textos que tratam de Aparecida é também encontrar o percurso de um autor nas suas questões e escolhas. Navarro lega assim, na literatura, o próprio exercício da escrita quando se confrontam supressões de parágrafos, acréscimos, escolha de palavras, construção de frases. Navarro revela a literatura não só na obra criada, escrita e publicada, mas também na própria engenharia do fazer literário. Assim é possível pensar Navarro por completo.